

Ana Maria Machado para adultos: uma apresentação

Susanna Ramos Ventura

Universidade de São Paulo

Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP

Resumo O presente ensaio apresenta uma parcela pouco conhecida da obra da escritora Ana Maria Machado: sua produção voltada para o público adulto. Após um breve inventário da produção da autora, a análise se detém sobre os romances, em que Ana Maria Machado constrói uma galeria de personagens profundamente relacionados com as atividades de leitura e escrita.

Geralmente associada à literatura produzida para crianças e jovens, a autora brasileira Ana Maria Machado tem, no entanto, boa parte de sua obra destinada ao chamado “público adulto”. São, até agosto de 2006, quatorze títulos, sendo oito livros de ficção (romances), uma autobiografia literária e cinco livros de ensaios. Começamos pelos oito títulos de ficção: *Alice e Ulisses* (1983), *Tropical sol da liberdade* (1988), *Canteiros de Saturno* (1991), *Aos quatro ventos* (1993), *O mar nunca transborda* (1995), *A audácia dessa mulher* (1999), *Para sempre* (2001) e *Palavra de honra* (2004). A autobiografia literária é *Esta força estranha – trajetória de uma autora* (1997). Os livros de ensaios são: *Recado do nome (leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens)* – a publicação em formato livro de sua tese de doutoramento (1976), *Contracorrente – Conversas sobre leitura e política* (1999), *Texturas – sobre leituras e escritos* (2001), *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo* (2002) e *Ilhas no tempo* (2004).

A leitura de sua obra ensaística revela uma autora que passou, em diversas etapas da vida, por muitos ramos de atividades relacionados à leitura e escrita na sociedade moderna: doutora em literatura com uma tese sobre Guimarães Rosa, foi professora universitária, jornalista, livreira e editora, tendo finalmente optado por ser escritora em tempo integral (opção possível, diga-se de passagem, graças ao grande sucesso de seus livros dedicados ao público infantil e juvenil, com mais de cem títulos em catálogo).

Recado do nome – Leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens é a publicação em formato livro (1a. edição em 1976) da tese de doutoramento da autora. Como indicado no título, trata-se de um estudo sobre os nomes próprios na obra de Guimarães Rosa, que pretende iluminar a obra analisada a partir deste ponto. Sabemos que esta obra foi composta em sua grande parte no exílio da autora (Inglaterra-França, durante o final da década de 1960, início da de 1970) e orientada por Roland Barthes. O estudo em questão é profundo e surpreendente, especialmente quando pensamos numa obra que foi elaborada longe de arquivos sobre Guimarães Rosa e da possibilidade de contacto com a realidade mineira. Talvez mesmo por isso, a análise notável pareça partir unicamente de dentro dos textos publicados do autor para construir um mundo significativo em si, resultando num estudo sobre os nomes em Guimarães Rosa que ao mesmo tempo ilumina a obra do autor e abre uma vertente de possibilidades de análise para obras de outros autores (embora Ana Maria Machado o negue no capítulo um, onde, na delimitação do objeto de estudo se exclui essa possibilidade).

Atesta ainda a validade atual do ensaio, sua citação freqüente e comparecimento às bibliografias dos principais ensaístas que hoje se dedicam ao estudo da obra de Guimarães Rosa.

Dois outros livros de ensaios da autora, *Contracorrente – Conversas sobre leitura e política* (1999) e *Texturas – sobre leituras e escritos* (2001), são de natureza bastante distinta em comparação com *Recado do nome*. Mais de vinte anos se passaram entre a data de publicação de *Recado do nome* e aquela dos outros dois livros, o que trouxe modificações substanciais nos rumos da carreira de sua autora. De volta ao Brasil depois dos anos de exílio, a burocracia para a validação dos títulos obtidos no exterior obstruiu a continuação da carreira de professora universitária da autora, que continuou a atuar como jornalista e escritora de livros infantis. Depois de algum tempo, após a experiência como dona de livraria especializada em literatura infantil e com o sucesso alcançado com a literatura destinada a crianças e jovens, Ana Maria Machado passa a se dedicar somente à literatura. Os ensaios e “conversas” de *Contracorrente* e *Texturas* refletem essa trajetória. Ambos são reuniões de vários ensaios, “falas”, “palestras” proferidas pela autora em eventos – alguns de natureza acadêmica. *Contracorrente* apresenta como projeto “conversar” sobre leitura e política, e, em seus onze ensaios, aborda questões ligadas à situação política nacional nos anos que se seguem à sua mais recente ditadura (caso de “O trânsito da memória – literatura e transição para a democracia no Brasil”), a democratização da leitura através de iniciativas como a da alfabetização de adultos (presente em “Palavra mágica: Tulutatulê”), questões de ideologia que perpassam os livros e as leituras para crianças (“Ideologia e livro infantil” e “A ideologia da leitura”), entre outras. *Texturas – sobre leituras e escritos* não apresenta a mesma coesão, uma vez que reúne um grande ensaio sobre o parentesco entre as atividades da escrita e da tecelagem (“O Tao da teia – sobre textos e têxteis”), a palestras e prefácios. Transparece do todo, como em *Contracorrente*, uma autora bastante consciente da relevância de seu papel social como escritora e com marcadas posições político-ideológicas, sempre exercidas a partir de sua atividade de profissional da escrita.

Como e por que ler os clássicos universais desde cedo (2002) foi escrito sob encomenda para uma série de livros da Editora Objetiva intitulada “Como e por que ler”. Primeiro livro da série, este se apresenta como um guia para os “clássicos universais” da literatura, discutindo desde conceitos como “clássico” até tecendo considerações sobre como e por que apresentá-los às crianças hoje. A marca autoral inevitavelmente transparece, uma vez que a “lista” de clássicos parte da escolha de Ana Maria Machado, lista condicionada, naturalmente, pela experiência pessoal. Este livro de ensaios sobre os clássicos faz um par bastante interessante com uma despreziosa “autobiografia literária” publicada alguns anos antes, *Esta força estranha – trajetória de uma autora* (1997), também ela parte de uma série de livros publicados pela Atual Editora (Coleção Passando a limpo), que pretendia registrar uma série de depoimentos de autores de literatura infantil sobre sua trajetória artística. De cunho mais autobiográfico, *Esta força estranha*, no entanto, fornece muitas pistas de leitura para a obra da própria autora¹.

Os ensaios, a autobiografia, os livros dedicados ao público infantil-juvenil e os romances formam um conjunto coeso que se ilumina mutuamente e ressalta um projeto de escrita bem definido e pensado. Observamos temas, modos de escrita, preocupações, trabalhos com a linguagem que migram entre a obra adulta e a infantil, por exemplo, e aparecendo na obra ensaística de forma a estruturar novas idéias e colocações que tornam a migrar para a obra ficcional. Podemos dizer que o conjunto da obra de Ana Maria Machado forma um universo particular muito bem articulado e coerente apontando para a possibilidade humana de aventura, descoberta, questionamento, constatação e mudança (tanto individual quanto social) através da literatura.

Dos romances publicados até o momento, *Alice e Ulisses* (1983) é com certeza o mais cuidado na experimentação da linguagem. Do título, que remete ao nome próprio das personagens principais (que reconhecidamente travam diálogo com a Alice de Le-

¹ Não tivemos, até o presente momento, tempo para analisar o livro de ensaios publicado em 2004, *Ilhas no tempo*.

wis Carroll e os Ulisses de Homero e de James Joyce), ao discurso atento e repleto de intertexto com grandes nomes, obras e achados advindos da literatura mundial (incluindo os contos de fadas), o texto é construído “com cuidado de lingüista” (denunciando a formação da autora) ao mesmo tempo em que tenta fixar, em seus diálogos, um modo de falar da sociedade em que se inscreve. Citamos um trecho onde a construção cuidada, em “diálogo” com a tradição literária fica evidenciada:

Segurou na mão um punhado de areia, deixou escorrer sobre os dedos dos pés onde uma baratinha fazia cócegas. Podia inventar uma história para as crianças da escola. Era uma vez uma joaninha dourada que vivia na beira do mar... Poderia também contar a história que todos já conheciam, a da baratinha que só sabia arrumar a casa e, mal acha uma moeda, não vê melhor coisa para fazer com ela do que se oferecer na janela aos passantes, de laço de fita na cabeça, e fica igual à outra, recusando pretendentes, com medo do que eles fazem de noite, até que vai escolher justamente o rato doméstico que lhe traz a ridícula tragédia de naufragar na feijoada. Mas qualquer que fosse a história, ia ser sempre uma maneira mais ou menos divertida de falar da vida e da História. De um inseto criado na areia poluída e do tempo que a aventura humana percorre.

Tempo que antigamente se media pela areia caindo nas ampulhetas, como essa que escorria de sua mão, que corria em sua carne de mulher, nas marés de seu corpo, nas ondas do seu sangue, nas luas de seus ovários. Filha de Helena, filha de Penélope? Filha de Eva, isso é que Alice era. Bem como a Alice da história, filha de Eva depois da Revolução Industrial, deixando para trás o tempo do tear manual. Curiosa, inquieta, louca para saber de tudo, trazendo como marca original o que os homens chamaram de pecado – a vontade de conhecer a qualquer risco, de dominar o conhecimento do bem e do mal. A maçã tentadora não era a que guardava em si o sono de Branca de Neve, dada pela madrasta perto de quem os homens ficavam anos. Era a fruta que a sinuosa serpente deu a Eva, o cogumelo que a lânguida lagarta ofereceu a Alice entre baforadas narguiladas – a sabedoria vegetal que brota da terra, se veste de pulsação animal e revela seus segredos às feiticeiras destinadas à fogueira, não às satisfeitas tecelãs de borda de lareira. A fruta realmente aliciante era a da eterna transformação, da mudança de tamanho a cada novo gole ou mordida, nem que fosse para nadar pequenininha nas próprias lágrimas ou estourar imensa as paredes da casinha bem arrumada. A tentação era a mobilidade, a recusa de paraísos fechados, nem que fosse para ser expulsa pela espada de fogo do mais belo dos arcanjos, só por querer conhecer.

Do conjunto formado pelos romances da autora, *Canteiros de Saturno* (1991) parece-nos ser o romance mais bem realizado. Uma multiplicidade de personagens se articula em histórias que por vezes se tocam, onde se abordam muitos estratos sociais e conflitos. O palco principal da narrativa é o Rio de Janeiro da época das “Diretas-Já” (ou seja, meados de 1983), com breves incursões por alguns outros países. O grupo de personagens é bastante variado, compondo um interessante painel do período e resolvendo de maneira interessante os conflitos propostos. Existe uma adequação e equilíbrio no uso da forma-romance como em poucos momentos na obra da autora.

Em muitas das outros romances da escritora, aparece o transporte de recursos de outros gêneros narrativos, como o ensaio, a reportagem, a colagem de cartas, trechos de peças teatrais, com resultados díspares, por vezes com um certo desequilíbrio da forma.

Ocorre em *A audácia dessa mulher* (1999) uma dessas mencionadas misturas de gêneros, onde o resultado é bastante interessante. Na história Beatriz Bueno, jornalista e escritora, trabalha pela primeira vez junto a uma grande emissora de televisão, auxiliando uma equipe que faz uma novela de época. Por meio de um de seus colegas de trabalho, acaba por ter contacto com um caderno de receitas e posteriormente com uma carta que seriam de Capitu – a personagem de Machado de Assis. O narrador

“brinca” e questiona vários dos procedimentos das narrativas do século XIX e XX, numa meta-narrativa onde vários aspectos da teoria literária e da tradição da literatura ocidental, com foco em Dom Casmurro e em alguns outros procedimentos dos narradores machadianos, são trazidos à baila, utilizados, mencionados ou lembrados, retrabalhados e questionados. O narrador de *A audácia dessa mulher*, numa de suas primeiras interferências diretas (capítulo 2), traz em seu discurso a explicação didática de procedimentos narrativos no século XIX, volta ao século XVIII, com referências explícitas a Sterne e Fielding, numa linguagem que lembra a de um professor de teoria literária que estivesse dando uma aula para um grupo de jovens. O capítulo 16 é também desconcertante: nele o narrador entra por uma digressão sobre leitura e leitores, passa por Virgínia Woolf e volta à narrativa, falando tecnicamente sobre ela, suspendendo o movimento narrativo que se instaurara até então para discutir aspectos técnicos da construção da personagem principal, que, segundo ele, por não se dar conta de que vivia uma ficção, não era movida por considerações outras ao se deparar com o caderno de receitas e diário de Capitu. Citamos:

Não é de estranhar, portanto, que Bia, personagem de ficção vivendo na realidade narrativa, estivesse se comportando como entusiasmada leitora real de ficção, diante da história de Lina – a menina que existira de verdade havia muito tempo, que copiara receitas naquele caderno e nele salpicara pelos anos afora seus desabafos, fiapos de alegrias e aflições. Durante o período em que convivera com aquelas páginas, Bia tivera sua curiosidade despertada e se interessara pelo que ia acontecendo.[...]

E como Bia não tinha qualquer consciência de que ela própria é que não existe na chamada vida real aqui de fora deste livro, sendo mera personagem de ficção criada por uma mulher carioca no finalzinho do século XX, sua leitura da carta de Lina não se deixou contaminar por nenhuma dessas considerações. Por ela, não haveria qualquer motivo para que estas reflexões labirínticas estivessem agora aqui nesta página. Se o faço não é por ela. É por você, que me lê. Por mim mesma, que escrevo.

O narrador prossegue, dialogando com uma citação retirada de Machado de Assis. Há também no livro, a colagem de pedaços do caderno de receitas, do diário e a inserção de uma carta de Capitu. No entanto a autora consegue uma integração desses procedimentos e o romance tem um resultado artístico altamente significativo.

Procedimento similar, no que diz respeito ao entrecruzamento de citações e intertextualidade com prosa romanesca é levado a cabo pela autora em *Para sempre* (2001). Novela escrita por encomenda para a série “Amores Extremos” da editora Record, *Para sempre* fala sobre amor e tempo, e dialoga com citações de poetas, letristas e compositores, cronistas e escritores brasileiros que discutiram o assunto. O resultado é um emocionado painel da sociedade brasileira a partir da década de 1950, com foco na classe média urbana, em suas relações com o conteúdo simbólico da produção cultural do período que trata especificamente sobre amor e tempo. Em *Palavra de honra* (2004), a autora retoma as questões de família – sempre tão privilegiadas em seus romances – e adentra por uma trama em que a imigração portuguesa no Brasil tem papel de destaque.

Leitura e escrita como busca existencial

Gostaríamos agora de tecer algumas considerações sobre a focalização das atividades da leitura e da escrita nos romances de Ana Maria Machado. Ler e escrever ocupam posições de destaque, notadamente na composição de personagens “profissionais da palavra”. Em *Alice e Ulisses* a personagem principal, Alice, é professora – não são fornecidos muitos detalhes, porém depreende-se pelo texto que deva ser professora de

língua portuguesa ou literatura. Lena, de *Tropical sol da liberdade*, é uma jornalista que passa por uma crise pessoal onde perde a capacidade de escrita. Licenciada do jornal para o qual costumava trabalhar (há fortes indícios de que a referência do texto seja o carioca Jornal do Brasil), ela intenta escrever uma peça teatral sobre sua experiência como exilada da mais recente ditadura militar brasileira (1964-1980). Entre as personagens de Canteiros de Saturno, duas das mais marcantes são Isadora e Bárbara. Isadora no decorrer da narrativa, escreve sua tese de doutorado em teoria literária, que trata, especificamente, dos bastidores da criação literária. Bárbara, professora e historiadora, também está envolvida com o universo acadêmico. Carlos Augusto, Vanda e sua irmã Lélia são três das principais personagens de *Aos quatro ventos*: Carlos Augusto é um publicitário que, no decorrer da narrativa, volta-se para a criação de textos literários, sua esposa, Vanda, é professora de ciências e leitora atenta de literatura; Lélia é livreira. No que diz respeito a *O mar nunca transborda*, a principal personagem, Liana, é novamente uma jornalista, está vivendo no exterior e desde lá começa a – movida por saudades do Brasil – sonhar e a escrever uma história possível para o vilarejo onde sua família passava as férias de verão e que marcara sua existência. *A audácia dessa mulher* é um livro particularmente interessante no que diz respeito à leitura e escrita, na medida em que estabelece vários diálogos entre as atividades de suas personagens Beatriz – jornalista e escritora – Lina, a autora dos comentários e do diário no século XIX, Ana Lúcia, secretária de Beatriz, encarregada de copiar e selecionar material para ela, Juliano, jovem redator da telenovela. Finalmente, em *Para sempre*, novamente temos um narrador disposto a “discutir” seu trabalho, o gênero e procedimentos do romance que ajuda a construir, e uma personagem central, Antônia – professora de língua portuguesa e literatura, casada com um jornalista, Daniel.

Embora as atividades da leitura e escrita exercidas por não profissionais também tenham papel importante na obra da autora, é nas personagens profissionais da escrita (numa acepção ampla, que abrange desde jornalistas a escritores, de livreiros a publicitários), que podem ser levantadas questões mais relevantes para um aspecto que gostaríamos de trabalhar: o papel da leitura e produção da escrita como elemento de busca existencial para as personagens.

Trabalhando nesta vertente, dois dos romances chamam mais nossa atenção: *Tropical sol da liberdade* e *O mar nunca transborda*. Em ambos, conforme já dissemos, as personagens centrais são jornalistas que enveredam pela escrita ficcional, porém, com sensíveis diferenças no que diz respeito ao motivo que as leva à elaboração artística de suas experiências pessoais. Lena (*Tropical sol da liberdade*) se preocupa em recuperar parte da memória de seus anos de exílio através da escrita de uma peça teatral – numa dupla perspectiva memória nacional/memória pessoal. O objetivo é dar um testemunho de sua experiência durante a ditadura, e ao mesmo tempo desvendar o universo feminino ao qual pertencia e que vivenciou de maneira intensa e dolorosa este período, sem que disso sobrassem registros. Assim, a dimensão privada, familiar, é privilegiada pela narrativa: a vida das mães de família, das crianças, das mulheres, das profissionais que, sem atuação política mais efetiva, tanto resistiam quanto sofriam as conseqüências de seus atos de resistência. Liana (*O mar nunca transborda*) também tem a experiência de estar longe do Brasil, no entanto, voluntariamente. Ainda nessa situação, pensa em dotar de uma história a aldeia de pescadores de sua infância, e o faz, numa narrativa que é “reproduzida” ou “encaixada” dentro do romance. Para a execução da tarefa a que se propõe, hesita, no início do romance, entre dois caminhos: o da pesquisa científica e o da narrativa ficcional. A opção pela narrativa de ficção é justificada pela personagem como uma filiação a uma “linhagem” feminina de sua família – de “contadoras” de histórias, linhagem esta representada por uma de suas avós.

A busca das protagonistas é marcadamente de caráter pessoal-existencial. Com carreiras em jornalismo, não parecem existir motivações de caráter econômico ou profissional que determinem a escolha das personagens pela escrita ficcional. A opção de Lena está mais imbricada numa busca pessoal pela validação e entendimento de sua trajetória de vida e das opções que tomou, enquanto que a de Liana tem uma dimensão mais utópica, pretendendo, ao “criar” uma narrativa ficcional de caráter histórico, dotar

de importância social um lugar mítico de sua infância. O exílio de Lena – que ocupa o passado da efabulação – é o período tematizado pela ficção que ela esboça dentro da narrativa de *Tropical sol da liberdade*. O movimento no caso de Liana é inverso: a partir da experiência de viver longe do país, ela sente a necessidade de “criar uma história” para o território de sua infância na terra natal.

Uma obra que precisa ser lida

Apresentamos brevemente a obra de Ana Maria Machado destinada ao público adulto, com ênfase para os romances da autora. Ana Maria Machado é uma voz de grande destaque na literatura brasileira. No entanto, esta parcela de sua obra está ainda pouco lida e estudada.

O grande conhecimento e reconhecimento de sua obra destinada a crianças e jovens parece monopolizar a atenção, deixando um tanto à sombra a ficcionista e ensaísta vigorosa. Cabe à crítica, então, iluminar esta parte da obra para que se possa enxergar a escritora de uma maneira mais completa.

Referências Bibliográficas

Obras de Ana Maria Machado

O mar nunca transborda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

Aos quatro ventos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Canteiros de Saturno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

A audácia dessa mulher. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Tropical sol da liberdade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

BisaBia, BisaBel. Rio de Janeiro: Salamandra, 1982.

Contracorrente. Conversas sobre leitura e política. São Paulo: Ática, 1999. Coleção Temas, Volume 70.

Texturas – sobre leituras e escritas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

História meio ao contrário. São Paulo: Ática, 1984.

Esta força estranha. “Trajetória de uma autora”. São Paulo: Atual Editora, sem data. Coleção “Passando a limpo”.

Recado do Nome. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Para sempre. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

Alice e Ulisses. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

Ilhas no tempo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

Palavra de honra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.